

Apocalipse de João e Clemente Romano como fontes para uma discussão do contexto histórico-social das comunidades cristãs do final do primeiro século

Valtair Miranda¹
Rio de Janeiro, RJ

Ainda hoje as comunidades cristãs se debatem com as divergências. Apesar de dois mil anos de história, ainda não aprenderam a conviver com as diferenças e o pluralismo. A história das primeiras comunidades revela que, desde bem cedo, elas já enfrentam esse tipo de luta.

Ao olhar para os grupos cristãos dos primeiros séculos, consegue-se ver, em linhas gerais, várias correntes e movimentos. Com o passar do tempo, apenas uma ortodoxia primitiva sobreviverá, com uma ênfase na institucionalização das igrejas. As demais, acentuando suas mensagens, se identificarão ou se transformarão em comunidades divergentes do segundo século, como o ebionismo, o gnosticismo ou o montanismo.

Grandes testemunhos desta natureza plural podem ser encontrados nos livros que essas comunidades produziram e liam. Estes livros revelam grupos que nasceram diferentes, mas que, paulatinamente, foram sendo empurrados para a uniformização.

Em função disso, o objetivo desta comunicação é tecer alguns apontamentos sobre o contexto histórico-social das comunidades cristãs na última década do primeiro século a partir da leitura de Clemente Romano e Apocalipse de João. O alvo é discutir o tema da perseguição por parte do Império Romano nos dias de Domiciano, bem como outras questões paralelas, como perseguição concreta ou percebida, rivalidades entre grupos cristãos, tradição teológica e leitura da realidade, gênero literário e instrumento retórico como determinante do conteúdo das obras cristãs.

¹ Valtair Miranda é pós-graduando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, e desenvolveu o presente artigo como parte das pesquisas do Grupo de Pesquisa Apocalíptica Cristã Primitiva: Identidade Religiosa, Representações da Sociedade e História da Recepção, financiado pela FAPESP na qualidade de projeto regular.

O Apocalipse de João

Grande parte dos comentaristas da atualidade situa o livro do Apocalipse de João no contexto do reinado de Domiciano, em meados de 81-96.² Entretanto, as vozes se dividem quanto ao tipo de vida que levavam as comunidades cristãs daquele período, principalmente aquelas para as quais escreve João.³

O Apocalipse é o último livro do Novo Testamento. Como tal, foi produzido por um escritor cristão para atender questões provocadas por algumas comunidades da Ásia Menor, identificadas nominalmente no seu livro: “Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta, dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia (Ap 1.10-11).

Seu autor, que se autodenomina simplesmente de João, produziu um texto inserido dentro da corrente literária atualmente definida como *literatura apocalíptica*. Esse gênero literário floresceu no seio do judaísmo e do cristianismo em meados de 200 a.C. e 200 d.c., caracterizado quanto ao conteúdo pelo determinismo e dualismo; e quanto à forma, pela natureza essencialmente literária, pela pseudoepigrafia, por visões, viagens extáticas, sonhos, enigmas e símbolos. Sua experiência, alimentada por essa tradição literária e teológica, se traduziu em imagens e narrativas de grande complexidade.

Existiu uma perseguição oficial aos cristãos no final do primeiro século?

A resposta a essa pergunta, desde os tempos de Eusébio de Cesaréia, tem sido dada através da leitura da realidade que fez o Apocalipse de João. A partir de seu testemunho, tradicionalmente se imagina o final aqueles tempos como época de perseguição e crise para as comunidades cristãs.

Seu ponto de vista, por muito tempo, levou autores e intérpretes a reconstruir um cenário do fim do primeiro século para as comunidades cristãs assumindo apenas sua leitura da realidade.⁴

² VINSON, Richard B. *The social world of the Book of Revelation*. In *Review & Expositor* 98/1, Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 2001, p. 11; ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, 34, p. 7; MCDOWELL, E. A. *A soberania de Deus na história: a mensagem e significado de Apocalipse*. 3a. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 17.

³ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 11.

⁴ FERREIRA, Joel Antônio Ferreira. *É possível rezar em tempos de perseguição? A liturgia da vida no*

Se ele diz para a Igreja de Pérgamo, em Ap 2.13, que Antipas, a testemunha fiel, foi morto entre eles, deduz-se que havia uma perseguição contra os cristãos naquela cidade que levou esse cristão ao martírio. Se ele fala de sinagoga de Satanás (Ap 2.9; 3.9), imagina-se que alguns judeus estavam colaborando na perseguição, expulsando os cristãos das sinagogas, e denunciando-os para as autoridades romanas.

Entretanto, diante do Apocalipse, bem como outras obras da mesma natureza, não se pode assumir que o mundo do texto reflete o contexto em torno do mesmo. O cosmos refletido no texto, na verdade, é um produto do ponto de vista do seu autor.⁵

Diante da passagem de Antipas, por exemplo, precisaríamos indagar se não cristãos daquela cidade concordariam que Antipas teria sido assassinado? Ou se os demais crentes daquela comunidade cristã, ao receber a carta, concordariam que ele teria morrido por sua fé? É possível que João realmente acreditasse que Antipas tinha sido martirizado, mas talvez sua morte não tenha tido nenhuma relação com o fato de ele ter sido cristão ou não. Neste caso, passagens como essa não são testemunhas concretas de que tenha havido perseguição aos cristãos no final do primeiro século.⁶ Aparentemente, a crise levantada ou vista por João o coloca como minoria entre os cristãos do final do primeiro século.⁷ O que se percebe é que a visão que João tem da sua realidade é negativa, e seu texto foi produzido para convencer seus leitores da sua visão de mundo.

Crise de liderança entre as comunidades cristãs

João localiza a origem do sofrimento cristão em Satã, o dragão que falhou na luta contra Deus e agora faz guerra contra os santos: *"Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar (Ap 12:17)"*. Qualquer pessoa ou instituição que João considera como inimiga é entendida como agente de Satã.⁸ Ele diaboliza seus adversários, que podem estar tanto dentro quanto fora das comunidades cristãs.

Apocalipse. In Estudos Bíblicos 35, 1996, p. 56-57: "Diante de uma das perseguições mais duras da história do cristianismo, chegou um momento em que muitos começaram a se desesperar e, na confusão, indagaram se, realmente, o Senhor da história era Domiciano ou Jesus Cristo. Havia, no momento escuro da história, uma psicose do medo".

⁵ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 12.

⁶ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 12.

⁷ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 12.

⁸ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 13.

Para ele, as igrejas estão sendo atacadas internamente por falsos líderes, que estão incentivando relações de parceria e troca com a sociedade romana. O núcleo do problema é a carne sacrificada aos ídolos: *“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a amar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição (Ap 2:14).*

Ele não considera esses líderes como crentes verdadeiros, mas não nega que estejam dentro das comunidades cristãs, nem que tenham poder de liderança sobre elas. Nesta categoria estão os falsos apóstolos de Éfeso (Ap 2.2), os balamitas de Pérgamo (Ap 2.14), os Nicolaitas (Ap 2.15) e os seguidores de Jezabel em Tiatira (Ap 2.20).⁹ O problema básico destes líderes é que eles não inibem que seus liderados participem da comida oferecida aos ídolos. Para João, isso é o mesmo que adorar a um ídolo. A orientação de João para os “verdadeiros crentes” é que eles passem a odiar estes “falsos crentes” e não o tolerarem nas igrejas (Ap 2.6).

Essa questão da carne sacrificada aos ídolos já havia sido trabalhada por Paulo nas suas cartas aos Coríntios, escritas precisamente da cidade de Éfeso na Ásia Menor. De fato, as igrejas às quais João se dirige são todas de origem paulina, fruto de suas campanhas missionárias nas décadas de 50-60. Sendo assim, é possível que estes crentes estivessem, na prática, apenas seguindo as orientações do seu fundador, como a que segue: *“Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência; porque do Senhor é a terra e a sua plenitude. Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir, comei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência. Porém, se alguém vos disser: Isto é coisa sacrificada a ídolo, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência; consciência, digo, não a tua propriamente, mas a do outro. Pois por que há de ser julgada a minha liberdade pela consciência alheia? (1Co 10.25-29).*

O Império Romano como agente diabólico

Ao falar da morte de Antipas, João parece falar de uma perseguição no passado (“ainda nos dias de Antipas” – Ap 2.13). Ele também fala de si mesmo como um “companheiro na tribulação”. Nas suas palavras: *“Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na*

⁹ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 13.

perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus (Ap 1:9).

Independente do que realmente tenha levado João para Patmos, ele se sentia perseguido por alguém. Pelo seu texto, o agente perseguidor é o Império Romano, e o motivo da perseguição seria a reivindicação divina feita pelo Império. A tribulação que se abateu sobre Antipas e sobre ele, em breve (Ap 2.10), também alcançará todos os crentes verdadeiros e produzirá inúmeros mártires. Nesse sentido, o texto de João é uma defesa dessa martírio idealizado.¹⁰

No Apocalipse, o grande inimigo de João não é realmente um grupo de cristãos, mas a besta, que persegue e mata quem se recusa a adorá-la (11.7; 13.7-8; 14-17).¹¹ O autor fornece pistas para sua identificação. Ela tem sete cabeças, uma delas morreu e voltou a viver, ela tem relação com uma prostituta denominada a Grande Babilônia. Com essas pistas, os intérpretes tem indicado que a besta seria uma referência ao Império, as cabeças seriam os imperadores, a que morreu e voltou a viver seria Nero, e a prostituta seria a cidade de Roma.¹² O núcleo da crítica de João a Roma está no capítulo 13. Ela é adversária de Deus por suas reivindicações blasfemas por divindade, e sua usurpação da adoração que deveria ser dada apenas a Deus (13.1-18).

Para descrever seu grande adversário, João faz retórica visual. Ele é um mostro horrível, que mata os cristãos verdadeiros, e se faz instrumento de Satanás.¹³

Se a primeira besta é Roma, e as cabeças os imperadores, quando a segunda besta força a adoração da primeira, e mata aqueles que se recusam a fazê-lo (13.11-15), percebe-se que a adoração ao imperador representaria uma verdadeira e grande crise para os cristãos, na visão de João.¹⁴ Não haveria como ser neutro. Ou se era marcado pela besta (13.16-18) ou por Deus (7.1-17). Neste dualismo, os marcados por Deus seriam martirizados (7.14-17), enquanto os marcados pela besta seriam eternamente separados de Deus no dia do seu juízo.

No Apocalipse, todas as pessoas são divididas em dois grupos: ou são seguidoras do cordeiro, ou são seguidoras de Satã e a besta. É um dualismo sectário. Ele imagina que o presente tempo é caracterizado por uma luta entre Deus e as forças do bem contra Satã e as forças do mal.¹⁵

¹⁰ COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001, p. 234.

¹¹ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 14.

¹² VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 14; COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.*, p.174.

¹³ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 14.

¹⁴ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 14.

¹⁵ COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.*, p. 160.

O alvo do autor do Apocalipse parece ter sido caracterizar uma situação que se avizinharia como uma luta dualística no qual seus leitores devem tomar partido e resistir firmemente ao poder do caos expresso na perseguição.¹⁶

Mas será que esta visão social de mundo reportada por João pode ser confirmada por outros textos de sua época ou posteriores? É que tentaremos perceber através do testemunho de uma outra obra cristã, a carta de Clemente aos Coríntios.

Clemente de Roma

A pessoa de Clemente de Roma gozou de grande autoridade no início da história do cristianismo, a ponto de sua carta encaminhada aos crentes de Corinto ter sido contada numa e noutra coleção canônica.¹⁷ Sua identidade, entretanto, é alvo de discussões entre os especialistas. A ele se atribui duas cartas aos Coríntios, algumas pequenas obras chamadas de Pseudoclementinas e outros documentos não-canônicos.

A primeira carta de Clemente aos Coríntios é a que apresenta o maior peso de autenticidade, já que a maior parte dos manuscritos a apresenta como “a carta de Clemente aos Coríntios”.

A carta foi escrita, provavelmente, de Roma no fim do Reinado de Domiciano, por volta de 95.¹⁸ Portanto, é contemporânea do Apocalipse de João, além de ser um testemunho gerado direto da capital do Império Romano. É muito útil, então, verificar qual a resposta que ela dá para a relação dos cristãos com a sociedade.

O motivo que a gerou foram alguns tumultos internos da igreja de Corinto, ligados a uma crise de liderança. Aparentemente, alguns ministros da comunidade foram destituídos sem motivo aparente, o que gerou um grande protesto do autor desta carta, que segue a tradição das Epístolas Pastorais (2Tm 2.1-26), ligando a sobrevivência das igrejas à uma centralização estrutural forte num corpo de líderes oficiais. Seu interesse, neste caso, é preservar a ordem e a decência: “*Caríssimos, é vergonhoso, muito vergonhoso e indigno de conduta cristão ouvir dizer que a firme e antiga Igreja*

¹⁶ COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.*, p.185.

¹⁷ ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 55.

¹⁸ Cf. LAWSON, John. *A theological and historical introduction to the apostolic fathers*. New York: The Macmillan Company, 1961, p. 26; LIGHTFOOT, J. B. *The apostolic fathers*. 5. imp. Grand Rapids: Baker Book House, 1970, p. 11.

de Corinto, por causa de uma ou duas pessoas, está em revolta contra os seus presbíteros.” (1Clem. 47.6).¹⁹

A saudação da carta identifica claramente a origem e o destino: “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Roma, para a Igreja de Deus que vive como estrangeira em Corinto.” A idéia de estrangeiros em terra estranha é partilhada pela 1Pedro (1Pedro 2.11) como resposta para o desconforto de algumas comunidades cristãs diante do contexto social deste período.

Algumas passagens poderiam indicar algum tipo de perseguição: “Irmãos, pelas desgraças e adversidades imprevistas, que nos aconteceram uma após outra, acreditamos ter demorado muito para dar atenção às coisas que entre vós se discutem” (1Clem. 1.1). Mas, curiosamente, Clemente chama as desventuras da comunidade de cristãos de Roma de “imprevistas”, apesar de terem sido fortes o suficiente para que eles ignorassem circunstancialmente as crises da Igreja de Corinto. Estas adversidades inesperadas não são definidas explicitamente em qualquer outro lugar da carta. Desta forma, poderiam ser entendidas como uma perseguição política, ou qualquer outro tipo de problema histórico-social.²⁰

Quando a carta faz referência aos grandes líderes cristãos, Paulo e Pedro, que tradicionalmente morreram na cidade de Roma, espera-se que ele expresse alguma responsabilidade do Império por essas mortes: “Foi por causa do ciúme e da inveja que as colunas mais altas e justas foram perseguidas e lutaram até a morte” (1Clem. 5.2). Entretanto, ele atribui o sofrimento dos dois apóstolos ao ciúme e à inveja, dois motivos que não apareceram no Apocalipse para a perseguição dos crentes. Além disso, são duas motivações mais próprias de querelas internas dos grupos cristãos do que de oposição externa.

Essa menção das mortes de Paulo e Pedro também produz a impressão de que as referências à perseguição que aparecerão no livro não são recentes, mas retrocedem até os tempos de Nero, momento que se deu tradicionalmente o mencionado martírio dos apóstolos mencionados, bem como de muitos outros cristãos e cristãs.

Essa ausência de crise com o Império se torna mais estranha ainda quando ele o usa como exemplo positivo para a unidade e organização das comunidades cristãs: “Irmãos, militemos com toda nossa prontidão sob as ordens irrepreensíveis dele. Consideremos os soldados que servem sob as ordens de nossos governantes: com que disciplina, docilidade e submissão eles executam as

¹⁹ As citações seguem a tradução de Ivo Stomiolo e Euclides M. Balancin para a língua portuguesa, no volume PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 11-70.

funções que lhes são designadas!" (1Clem 37.1-2). É uma passagem muito significativa para demonstrar que Clemente tem uma admiração pela estrutura militar de Roma.²¹ Ao chamar os governantes de "nossos governantes" demonstra que sua comunidade não possui uma crise aberta com o Império. Seria difícil um líder cristão elogiar a docilidade de um soldado se sua comunidade fosse alvo de perseguição imperial.

Na prática, não se percebe exatamente qual era a relação da Igreja de Roma com o Império, mas ele não parece ser um adversário para os cristãos da capital e nem da cidade de Corinto, que recebe a carta.

Essa parece ser a mesma postura que adota a 1Pedro, escrita possivelmente no mesmo período: *"Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem* (1Pedro 2:13-14).

A passagem de 1Clemente que mais claramente poderia sugerir uma perseguição é a que segue: *"Sabemos que entre nós muitos se entregaram às cadeias, a fim de libertar outros; não poucos se entregaram como escravos e, com o preço da venda, deram alimento a outros. Muitas mulheres, fortificadas pela graça de Deus, realizaram numerosas ações viris"* (1Clem. 55.2-3). Certamente é um texto que reflete uma situação de grande dificuldade, mas ela é minimizada pelo autor, ao ser inserida numa argumentação de sacrifício pelo bem comum. Ou seja, o membro revoltoso da comunidade de Corinto deveria deixá-la pelo bem de todos os demais (54.1-3), como fizeram aqueles que se entregaram à prisão para libertar a outros. A descrição de pessoas se tornando escravas para dar de comer a outros indica que alguns passaram ou estavam passando por períodos de grande recessão e fome. Mas impressiona o fato de em nenhum momento ele atribua a responsabilidade de tais dores ao Império ou ao contexto. Ele não aponta os culpados.

O que parece é que a comunidade de crentes de Roma já está estabelecida o suficiente no Império para minimizar as crises que se abateram sobre a igreja. É por isso que suas expectativas escatológicas divergem consideravelmente do Apocalipse de João. Não há referências diretas a volta de Cristo nem ao dia do juízo de Deus,²² e a escatologia aparece apenas no conceito de ressurreição: *"Caríssimos, consideremos como o Senhor nos manifesta sem cessar a ressurreição*

²⁰ Lawson acredita, entretanto, que esta seja uma referência justamente à perseguição movida por Domiciano contra as igrejas cristãs. Cf. LAWSON, John. *op. cit.*, p. 29.

²¹ LAWSON, John. *op. cit.*, 1961, p. 46.

²² Com exceção da citação de Is 13.22 e Hb 2.3, ambos falando da vinda do juízo de Deus, para afirmar que os projetos de Deus não falham, mas se cumprem cabalmente.

futura, cujas primícias ele as concedeu no Senhor Jesus Cristo, ressuscitando-o dos mortos” (1Clem 24.1). De qualquer forma, essa menção da ressurreição só é usada como argumento para afirmar a fidelidade de Deus, e incentivar a prática do amor na comunidade.

Por que, então, o Apocalipse vai numa direção contrária, demonizando as estruturas romanas? O que será que Apocalipse viu que Clemente ou Pedro não viram? Ou seria o contrário?

O tempo da perseguição

É possível que as diferenças de 1Clemente e Apocalipse sejam minimizadas se nos perguntarmos pelo tempo da perseguição esperada por João. Quando acontecerão os martírios vaticinados, e as perseguições minuciosamente descritas no Apocalipse? Apocalipse 1.1 fala que são coisas que “em breve devem acontecer”. Para João, elas estão no futuro. É o que parece estar por trás da frase: “*Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas* (Ap 1:19).

A expressão “ainda nos dias de Antipas” parece situar esses dias para longe do tempo dos leitores.²³ Até mesmo a referência à Ilha de Patmos não explicita se João está ali preso, ou desterrado, ou exilado. Nem mesmo se essa restrição geográfica era voluntária ou forçada.

Possivelmente, João acreditava mesmo que alguns cristãos tinham morrido por amor a Cristo, e que outros ainda morreriam pelo mesmo motivo.²⁴ Mas não é claro se João afirma que pessoas estão morrendo nos seus próprios dias.²⁵ O que se percebe no Apocalipse é que ele espera para breve que todos os crentes verdadeiros venham a enfrentar uma grande perseguição.²⁶ Neste sentido, realmente não havia perseguição nos dias de João, nem em Roma, nem na Ásia Menor. O vidente da Ilha de Patmos, no seu livro, se põe a vaticinar, não descrever, eventos que para ele eram certos.²⁷

²³ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 16.

²⁴ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 15.

²⁵ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 15.

²⁶ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 16; Pablo Richard, entretanto, argumenta que João se veria vivendo no seu presente as pragas que descreve, mais precisamente entre a sexta e a sétima trombeta, que, para ele, são paralelas às taças. Cf. RICHARD, Pablo. *As pragas na Bíblia: Êxodo e Apocalipse*. In Concilium 273, 1997, p. 62. Independente disso, de uma maneira geral, as afirmações sobre o futuro não se referem somente à história futura. Expressam aquilo que o autor espera, que deseja, que teme. Ao falar sobre o futuro, assim, fala sobre o seu presente.

²⁷ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 15.

Essa percepção parece ser reforçada por Tácitus e Suetonius, autores romanos, que não mencionam nenhuma ação de Domiciano contra os cristãos.²⁸ A primeira referência histórica explícita de uma perseguição de um imperador romano contra as comunidades cristãs é encontrada no tempo de Trajano, quando Plínio, o governador, pergunta, em meados de 112, o que fazer com as acusações contra os cristãos da sua região. Percebe-se que Plínio não conhece precedentes para aquele tipo de problema. Sua atitude demonstra que não havia uma rotina ou procedimento reconhecido para a situação que ele descreve. A situação é nova para ele, que escreve da Bitínia no início do segundo século, poucos anos depois de João.²⁹

Neste sentido, como interpretar a visão de mundo do Apocalipse de João? Algumas possibilidades podem ser apontadas.

Primeiro, pode-se entender o fenômeno como uma leitura percebida da realidade. A crise não era real, mas apenas percebida por ele. Além disso, se ele mesmo projeta a crise para o futuro, suas imagens foram construídas retoricamente para preparar antecipadamente seus leitores. Com isso, já no seu momento ele desejava alterar o envolvimento que as comunidades cristãs da Ásia teriam com o Império, exemplificadas no comportamento dos líderes que João critica.³⁰ As imagens que ele constrói foram produzidas como força retórica para persuadir.³¹

Neste caso, o Apocalipse é o resultado de uma intensa troca cultural e argumentativa entre João e sua audiência, determinada pela situação social, política, religiosa e cultura de ambas as partes.³²

João parece estar realmente convencido de que o Império Romano é uma ameaça para os cristãos e cristãs, e escreveu com a intenção de persuadir seus leitores e ouvintes a aceitarem sua leitura da realidade. Com isso, ele pretendia, com seu livro, persuadir e empurrar seus leitores uma determinada posição frente ao contexto social em que viviam.³³

De qualquer forma, independente da posição minoritária que representa, o Apocalipse reflete o contexto da multiplicidade teológica do cristianismo no final do primeiro século. Naqueles tempos, vários grupos cristãos conviviam lado a lado,³⁴ em alguns momentos como grupos rivais ou

²⁸ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 20.

²⁹ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 22.

³⁰ VINSON, Richard B. *op. cit.*, p. 22.

³¹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis: visión de un mundo justo*. Estella: Verbo Divino, 1997, p. 39.

³² FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *op. cit.*, p. 40.

³³ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *op. cit.*, p. 58.

³⁴ ADRIANO FILHO, José. *op. cit.*, p. 7.

instituições separadas, mas sempre na tentativa de sobreviver e se adaptar aos novos tempos e situações que o contexto gerava para a existência das igrejas cristãs.

BIBLIOGRAFIA

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972. 540 p.

BARR, David L. *The Apocalypse as a symbolic transformation of the world: a literary analysis*. In *Intepretation* 38/1, 1984. p. 39-50.

COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001. 291 p.

FERREIRA, Joel Antônio Ferreira. *É possível rezar em tempos de perseguição? A liturgia da vida no Apocalipse*. In *Estudos Bíblicos* 35, 1996.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis: visión de un mundo justo*. Estella: Verbo Divino, 1997. 216 p.

LAWSON, John. *A theological and historical introduction to the apostolic fathers*. New York: The Macmillan Company, 1961. 334 p.

LIGHTFOOT, J. B. *The apostolic fathers*. 5. imp. Grand Rapids: Baker Book House, 1970. 288 p.

PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995, pp. 11-70.

RICHARD, Pablo. *As pragas na Bíblia: Êxodo e Apocalipse*. In *Concilium* 273, 1997.

VINSON, Richard B. *The social world of the Book of Revelation*. In *Review & Expositor* 98/1. Louisville: Southern Baptist Theological Seminary, 2001, p. 11-33.